

CONTRIBUIÇÕES DE BAKHTIN PARA PENSAR A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE ARTE PARA ALÉM DO CURRÍCULO

BAKHTIN'S CONTRIBUTIONS TO THINK TRAINING OF ART TEACHERS BEYOND THE CURRICULUM

Katyuscia Sosnowski¹

Resumo: Este estudo se sustenta na teoria do dialogismo de Mikhail Bakhtin para refletir sobre as relações dialógicas em uma experiência na formação de professores de arte que se propõe colaborativa. Na intenção de contribuir com o observatório de formação de professores de arte apresento nesse estudo uma reflexão sobre a potência dos enunciados na linguagem videográfica. Os dados discutidos são de uma pesquisa realizada com estudantes de licenciatura em artes visuais de uma universidade brasileira e uma estadunidense, com vistas a identificar como ocorrem os processos de autoria em experiências de formação colaborativas e a distância não previstas no currículo. À luz de uma perspectiva teórico/metodológica ético-estética, a qual pressupõe uma escuta ética e responsiva, atentamo-nos aos enunciados produzidos em vídeo por esses dois grupos de sujeitos participantes de um projeto de extensão. Os dados foram coletados a partir de videocartas legendadas e discussões em um ambiente virtual de aprendizagem. A partir das análises, é possível inferir que os enunciados das videocartas foram construídos a partir de múltiplas vozes nos dois contextos (brasileiro e estadunidense) conectando e movimentando os elos da cadeia dialógica. Promovendo ressonâncias no diálogo dos sujeitos e produzindo sentido entre eles. Há de se considerar também o impacto desse projeto no currículo de ambos os cursos, no que tange a curricularização da extensão e nos programas de licenciaturas internacionais.

Palavras-chave: Videocarta. Autoria. Enunciado. Relações dialógicas.

ALÉM DO CURRÍCULO

O processo de curricularizar a extensão, a partir da lei nacional brasileira nº 13.005/2014, visa atender aos documentos nacionais brasileiros que tratam das políticas para a educação, a exemplo do Plano Nacional de Educação 2014-2024, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 1996, das Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino superior(02/2015) e ao Plano Nacional de Extensão(2012). Esse processo abre uma demanda por ampliar as ações de extensão dentro das

Abstract: This study is based on Mikhail Bakhtin's dialogism theory to reflect on the dialogic relations in an experience in the formation of art teachers that proposes collaborative. In order to contribute to the art teacher training observatory, I present in this study a reflection on the power of the statements in videographic language. The data discussed are from a research carried out with undergraduate students in visual arts from a Brazilian university and an American university, in order to identify how authorship processes occur in collaborative training experiences and distance not foreseen in the curriculum. In the light of a ethico-aesthetic theoretical / methodological perspective, which presupposes an ethical and responsive listening, we consider the utterances produced in video by these two groups of subjects participating in an extension project. Data were collected from subtitled videocards and discussions in a virtual learning environment. From the analysis, it is possible to infer that the statements of the videocards were constructed from multiple voices in the two contexts (Brazilian and North American) connecting and moving the links of the dialogical chain. Promoting resonances in the dialogue of the subjects and producing meaning between them. It is also necessary to consider the impact of this project on the curricula of both courses, regarding the curricularisation of extension and in the international degree programs.

Keywords: Videocarta. Authorship. Statement. Dialogical relations.

¹ Professora de Artes Visuais no Instituto Federal do Paraná- IFPR. E-mail: katyuscia.sosnowski@ifpr.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0110-7657>.

universidades. A lógica da extensão apresenta-se como necessidade de atualização da matriz curricular existente dos cursos na graduação, garantindo que 10% (dez por cento) da carga horária total corresponda às ações de extensão (PNE, Meta 12.7). Na prática, pode-se dizer que incorporar essa meta é abrir um espaço de diálogo e de atuação para garantir aos acadêmicos uma relação mais ampla entre os campos dos saberes e conhecimentos com as questões sobre a realidade social e coletiva dos envolvidos.

Nesse texto discute-se um projeto de extensão e seus resultados na formação inicial dos professores de Arte. Incorporando o sentido de colaborar, aprender em parceria, aprender com o “outro” no mundo digital conectado com outras culturas.

As disciplinas “Laboratório de Informática no Ensino das Artes Visuais” na universidade brasileira, no Estado do Rio Grande do Sul, e a disciplina “*Global Aesthetics*” no currículo da universidade estadunidense, Estado do Texas, ambas disciplinas do curso de licenciatura em Artes Visuais, têm em comum o interesse por tecnologias digitais e pela diversidade de estéticas locais. Na perspectiva de uma ação de extensão que previa um intercâmbio cultural *online*, tínhamos a iniciativa brasileira de dialogar com uma licenciatura estrangeira e do interesse da Universidade do Norte do Texas (UNT) em conhecer por meio de um olhar de um licenciando brasileiro, um dos eventos mais importantes da arte contemporânea do sul do Brasil, a Bienal do Mercosul. Interessava para a ação de extensão, colocar os sujeitos participantes dessas disciplinas em diálogo. Era necessário criar condições para a troca intercultural se efetivasse e criar ferramentas no sentido de promover relações de reciprocidade. Foram criadas metodologias que promoviam o diálogo entre os participantes.

Um ambiente virtual de aprendizagem foi organizado e sistematizado pelas duas professoras responsáveis pelas disciplinas a fim de constituir em um só espaço os dados produzidos na ação. Neste momento, o diálogo entre as professoras foi fundamental para elaborar as metodologias para dar suporte às trocas culturais e artísticas aos estudantes que não dominavam um idioma em comum. Logo, pode-se perceber que a diferença de idioma não se apresenta mais como um limitador absoluto das comunicações. Não somente a língua, mas a linguagem, pode nos aproximar com esse outro que nos é diferente. Aliados às outras linguagens, artística, visual, sonora, a gestual, podemos arriscar projetos que possibilitem intercâmbios entre sujeitos que falam diferentes idiomas.

Segundo Coppete, o intercâmbio cultural no contexto educacional “[...] pressupõe primeiramente uma intencionalidade que motiva a relação entre grupos culturais diferentes, que também pode ser significada por objetivos em comum”. (COPPETE, 2012, p. 209).

Aproximar estudantes formalmente matriculados por meio de intercâmbio *online* é comum nos Estados Unidos, na Inglaterra e em alguns países da Europa. Em geral, esses projetos estabelecem a língua inglesa como língua franca. Isto reforça uma certa hegemonia linguística imposta muitas vezes por países que lideram economicamente em âmbito mundial. No contexto educativo, um intercâmbio educacional/cultural pressupõe ações que vão além da troca, com um sentido de relacionamento entre grupos de alunos, há uma oportunidade de ampliação de horizontes. “Quando os alunos trabalham em conjunto, isto é, colaborativamente, produzem um conhecimento mais profundo e, ao mesmo tempo, deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes.” (PALLOF; PRATT, 2002, p. 141)

É fundamental, para uma compreensão crítica da arte, da educação e da cultura do outro, escutar as suas narrativas, aproximar-se das suas histórias, de seus objetos artísticos, buscando conhecer o contexto e os autores dessas produções. Podemos dizer que em todo discurso, seja ele uma história narrada ou um objeto artístico, circulam manifestações culturais da sociedade em que ele se situa. Para Bakhtin o discurso é todo conteúdo significativo, é uma lembrança que um objeto, gesto, som, imagem, palavra carrega consigo.

Nossa metodologia é pautada em uma escuta ética-estética que considera o tempo e o espaço dos discursos. O conceito de exotopia de Bakhtin(2011) nos ajuda a compreender o lugar de escuta e participação do sujeito pesquisador, ele se percebe e se identifica com o outro (o sujeito pesquisado), numa posição exterior de observação da ação, na tentativa de perceber o outro na sua totalidade, que só poderá ser atribuído pelo pesquisador que o observa.

Todavia, tal forma de pesquisar, ou melhor, tal escolha metodológica, envolve escutar a voz do outro sem sufocá-lo ou subestimá-lo para que se estabeleça a possibilidade de diálogo. Isso não é algo simples, pois, “[...] quando nós olhamos, dois mundos diferentes se refletem na pupila de nossos olhos.” (BAKHTIN, 2011, p. 21). Logo, esse lugar no mundo é, também, o meu lugar ético na pesquisa que se completa ao dar voz ao outro.

DO DIALOGISMO A ALTERIDADE

Mikhail Bakhtin (1895 - 1975) foi um pensador russo que entre os anos de 1920 e 1930 elaborou a teoria do dialogismo a qual engloba diversos outros conceitos que se inter-relacionam. Na perspectiva dialógica de Bakhtin, a relação interpessoal, o contexto de produção dos enunciados, as diferentes situações de comunicação, os gêneros, a interpretação e a intenção de quem produz passaram a ser peças-chave da investigação. Nessa perspectiva, lanço-me a um campo de estudos diferente do contexto no qual Bakhtin vivia, porém é com essa forma atualizada de olhar o mundo que me aproprio de sua teoria na busca de possibilidades de compreensão dos discursos em ambientes de aprendizagem *online*.

O princípio dialógico bakhtiniano institui a alteridade como constituinte do ser humano e de seus discursos. A palavra do outro é que nos faz ver o mundo exterior. Na década de 1960, os estudos de Bakhtin foram difundidos por Julia Kristeva no Brasil e em outros países e revolucionaram os estudos das linguagens.

A alteridade para Bakhtin está no colocar-se no lugar do outro ou no tornar-se o outro em mim. Esse exercício de alteridade possibilita que as marcas do outro apareçam na minha vida, na minha atividade docente ou discente, de maneira a transformá-la e obrigá-la a “falar” de outro modo (AMORIM, 2004), com outra linguagem, outros caminhos. Nesse sentido, a alteridade deixa de ser um conceito teórico e instala-se no processo contínuo de tornar-se professor. Esse exercício de alteridade que modifica-se dependendo do dia e do público (outro) dá dinâmica à docência e à pesquisa, conduzindo-as a desfechos, sempre provisórios e inacabados. É nesse sentido que o conceito de dialogismo bakhtiniano contribui para pensarmos em projetos de extensão que precisam considerar o existir diante do outro, porque o outro o constitui, o outro o modifica, o outro o transforma o outro ensina, o outro aprende.

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1929, p. 95)

Um encontro com as palavras do outro, de outra cultura, com outros sons, outro idioma, outras imagens, outros valores, se apresenta como fator de contraste, como a distinção, a oposição, a ruptura, a novidade. O encontro com esse outro nos dá possibilidades de sermos nós no mundo. Bakhtin chama isso de movimento exotópico, é preciso distanciar-se de mim para ver-me como um todo.

Para Bakhtin, as linguagens, sejam elas da arte ou não, são construídas a partir de um conjunto de signos organizados segundo códigos culturais e ideológicos. Essa construção é feita por um sujeito-autor-locutor que almeja alcançar o sentido na relação interativa de comunicação com o “outro”. Nesta via, Bakhtin (2011) ajuda-nos a refletir sobre o processo autoral que envolve o sujeito-locutor que se utiliza da linguagem para produzir enunciados tendo em seu horizonte um interlocutor.

Tanto a linguagem como a consciência são fatos sociais, uma vez que resultam do processo de apropriação-objetivação dos produtos humanos historicamente produzidos. A linguagem utilizada no texto/enunciado torna-se fundamental para a afetação sobre o interlocutor; é necessário portanto uma constituição de alteridade, colocar-se no lugar do outro, considerar suas posições axiológicas. Tendo em

vista a multiplicidade de possibilidades abertas pela teoria bakhtiniana para investigar os acontecimentos na comunicação, buscou-se analisar a linguagem videográfica na contemporaneidade, focada nas potencialidades de novos modos de comunicação no que se refere ao mundo digital. O sujeito da linguagem é incluído agora em redes enunciativas do ciberespaço e convocado a ouvir/ver/falar a todo instante que está conectado, ocupando um lugar nessas novas redes dialógicas. Sua imagem e seus gestos são vistos por meio do vídeo, muitas vezes ao vivo, e seu tom de voz é interpretado por meio da interface e recebido por um sujeito do outro lado da tela.

Partindo desse ponto de vista, é possível vislumbrar ações no âmbito da educação que possam contribuir com a relação entre diferentes sujeitos e suas diferentes subjetividades. Os agentes de subjetivação tais como religião, família, comunidades e tradições, que outrora eram sólidos se mostram suscetíveis e instáveis na contemporaneidade. O acesso à informação e ao diferente mostrou que a cultura é viva, mutável, “uma unidade aberta” (BAKHTIN, 2011, p. 364) que não se mantém intacta, ela não está fechada em si mesma se hibridizou com esse acesso também, não está morta e esquecida. Podemos dizer que as identidades híbridizadas ressaltadas por Stuart Hall (1997), caminham para processos de alteridades ao invés de reforços as identidades.

O DIÁLOGO COM O OUTRO E A SUA ARTE

Os diferentes contextos sociais, religiosos, ideológicos, de gênero, bem como a subjetividade individual e coletiva são aspectos que se fazem presentes na Arte e necessariamente precisam ser discutidos no âmbito da arte/educação. Entre as tendências da arte contemporânea há diversas manifestações no sentido de discutir os espaços de convívio conflitantes de culturas diferentes. A aproximação de grupos de diferentes culturas em um ambiente virtual de aprendizagem pode promover a manifestação de novas subjetividades, bem como promover o reconhecimento e a alteridade. Ao revelar a expressão de pensamentos, concepções, valores e crenças, o discurso universalista de padrões estéticos se desfaz. As tecnologias de informação e comunicação atuais possibilitam meios de interação entre sujeitos evidenciando subjetividade e objetividade, criando novas formas de sensibilidade estética. A partir disso entende-se a necessidade de um amplo exercício da estética visual dentro das licenciaturas em Arte que aborde os artistas locais, a estética do cotidiano, os estudos da cultura visual e a arte contemporânea, as disciplinas obrigatórias do currículo não conseguem abordar temas tão amplos e diversos.

As imagens e exposições locais destacadas, gravadas e compartilhadas, entre os estudantes de licenciaturas do sul do Brasil e dos do centro-sul dos EUA explorou aspectos relevantes ao ensino de arte contemporâneo num viés multicultural crítico ao incluir, exposições locais, artistas locais e o próprio discurso do licenciando sobre as exposições, seu ponto de vista a partir daquele contexto cultural. As diferenças da cultura local foram colocadas em evidência promovendo a discussão entre os licenciandos.

As trocas interculturais exigem posicionamentos contra a padronização, promovem uma convivência com as diversidades, colocando em destaque o direito do outro à diferença.

O estudante e futuro professor do século XXI é, de forma geral, um sujeito conectado às novas mídias, que opera em maioria com a linguagem imagética. Ao adentrar esse universo imagético e tornar-se produtor de imagens e discursos, levanta-se a necessidade de refletir sobre como essas imagens são discursos que constroem sentidos pessoais e coletivos.

Tendo em vista a multiplicidade de possibilidades abertas pela teoria bakhtiniana para investigar os acontecimentos na comunicação, focamos nas potencialidades de novos modos de comunicação no que se refere ao mundo digital.

O INTERCÂMBIO POR MEIO DE VIDEOCARTAS

Toda carta é um texto endereçado, desde a origem da escrita a carta é um meio de comunicação potente que nunca se prendeu às amarras de estilo, sendo livre pelo simples exercício de narrar, de sentir e dar sentido à vida dos sentimentos, sejam eles quais forem. O vídeo, uma imagem endereçada.

Se buscarmos a etimologia da palavra, Dubois (2004) diz que o verbete “vídeo”, sem acento, refere-se a um verbo (video do latim videre, “eu vejo”). Desse modo, “vídeo” corresponde ao ato de olhar. Trata-se de um princípio infra-pessoal de “eu vejo”. Destaca-se que, em latim, “vídeo” não é apenas um verbo, mas um verbo conjugado, que corresponde à primeira pessoa do singular do indicativo presente do verbo ver. Em outras palavras, video é o ato de olhar de um “eu” que olha para um “outro”. Dubois (2004), analisando a especificidade do vídeo, afirma ser ele um estado,

[...] estado do olhar e do visível, maneira de ser das imagens. [...] O ‘vídeo’ não é um objeto (algo em si, com corpo próprio), mas um estado. [...] Um estado-imagem, uma forma que pensa. O vídeo pensa (ou permite pensar) o que as imagens são (ou fazem) [...] “Pode ser uma arte (em si) e ter uma linguagem própria. (DUBOIS, 2004, p. 23)

Dubois (2004) também salienta que a imagem-vídeo é ambígua: ela é ao mesmo tempo objeto e processo, imagem-obra e meio de transmissão, residindo sua força justamente na sua precariedade identitária. A imagem-vídeo é um modo de pensar, diz o autor. Um estado, não um objeto. Enquanto modo de pensar, o vídeo apresenta-se como uma das maiores inovações após o surgimento da TV. A presença do vídeo em diferentes campos de ação, com uma lógica ampla nas inserções de práticas sociais e políticas, acrescentou à experiência da televisão o potencial crítico da linguagem.

O vídeo pouco se presta ao tipo de recepção e rigidez do cinema. Sua exibição em espaços públicos é diferenciada, caracteriza-se por processos mais elásticos, propõe possibilidades de manipulação, reedição acrescentando ou eliminando partes, para o público que o percebe. Marcado pela descontinuidade e fragmentação, a linguagem videográfica contemporânea distingue-se do drama oitocentista literário no qual a narrativa predominava. Derivado do teatro e das formas jornalísticas, o vídeo aproxima-se mais do carnavalesco da cultura popular do que da cena erudita ocidental.

Diferente do cinema, o vídeo não exige do interlocutor uma atitude rígida de contemplação, e uma sala escura, sem intervalos ou dispositivos de “break” (intervalo comercial, ou simples “pause”). O vídeo é mais flexível, pode ser carregado no bolso, nos celulares, acessado rapidamente em um dispositivo com tela. Há ainda a facilidade de compartilhamento. Conforme destaca Robert Stam (1992),

[...] se aplicado a um fenômeno cultural, como um filme, referir-se-ia não apenas ao diálogo dos personagens no interior do filme, mas também ao diálogo do filme com filmes anteriores, assim como ao diálogo de gêneros ou de vozes de classes no interior do filme, ou ao diálogo entre várias trilhas (música e imagem, por exemplo). Além disso, poderia referir-se também ao diálogo que conforma o processo de produção específico (ator, diretor e equipe) assim como o discurso fílmico e conformado pelo público cujo as reações potenciais são levadas em conta. (STAM, 1992, p. 34)

Considerando que a compreensão do discurso só pode se dar com a leitura contextualizada as vídeocartas produzidas pelos licenciandos tinham o texto verbal (legendas e títulos), visual (fotografias, vídeos, desenhos, cores, movimentos) e sonoro (música, ruídos, entonação, ritmo) todos imbricados no mesmo espaço/tempo. Todas essas três dimensões podem estar imbricadas no mesmo texto e operam sincronicamente na compreensão da sua unidade global tais como em uma produção videográfica ou cinematográfica. Em alguns momentos foi necessário transcrever “trechos de discursos dos vídeos” porque neles haviam conteúdos verbais oralizados relevantes. Entendendo que os enunciados compreendem uma voz e um discurso em seu conteúdo e podem conter uma parte extraverbal, escolhemos trabalhar nesta investigação com a linguagem que chamaremos de verbo-áudio-visual, que, além da expressão verbal e visual é hibridizada com efeitos de sons, de velocidade, legendas e títulos ou seja a palavra escrita na língua/idioma do destinatário, considerando, inclusive, os gestos/expressões do personagem no vídeo. No contexto da linguagem audiovisual em geral (cinema, televisão, vídeo), o som é parte constituinte do código audiovisual. Ele não é apenas um adicional à imagem, antes modifica a

percepção global do interlocutor. Vale lembrar que o cinema foi mudo, até o final dos anos 1920, e provocou consideráveis debates sobre seus méritos. Mudo no sentido de não haver trilha gravada sincronizada, no entanto pianistas eram contratados para tocar durante a sessão de cinema. O áudio não atua em função da imagem e dependendo dela, mas atua com ela e ao mesmo tempo que ela, adicionando informação ao interlocutor de modo a complementar a coerência perceptiva.

Bakhtin(2011) Vinculava a cultura oral e a cultura escrita, tinha a ideia da comunicação como um ato ético-responsável, afirmando que a voz tem conotações subjetivas, usava metáforas relacionadas à música: polifonia, contraponto, orquestração, palavra a duas vozes, coro, acento, etc para exemplificar seus conceitos. Para Bakhtin, as palavras estão a serviço do locutor para elaborar seu enunciado, seja oral ou escrito. A partir disso, nos sentimos autorizados em incluir as imagens nesse conceito.

Na perspectiva bakhtiniana, o trabalho criador consiste na luta com outras enunciações para se inscrever. Em um novo contexto, a repetição da voz é recebida como uma nova voz. Quando o enunciado é escutado, visto e lido pelos estudantes situados remotamente, ele se renova no novo contexto de enunciação. Sendo novo, constitui-se ali um novo contexto dialógico, o que produz um novo sentido (AMORIM, 2004).

Nossos objetos de pesquisa são as videocartas, enunciados para Bakhtin, nelas há extratos da vida dos sujeitos éticos endereçados a sujeitos que dialogarão com a estética apresentada.

Durante o projeto de extensão que teve duração de quatro(4) meses foram publicados no ambiente virtual quinze (15) videocartas com o objetivos de compartilhar exposições locais de arte contemporânea, 10 vídeos do grupo brasileiro (3 produzidos em duplas e 7 individuais) e 5 vídeos do grupo norte-americano (1 produzido individualmente e 4 em duplas). Cada dupla escolheu uma exposição, ou obra para filmar, editar, comentar e compartilhar com seus colegas de área remotos. Esses vídeos foram publicados em um ambiente virtual de aprendizagem do tipo Moodle por meio de links para a plataforma do Youtube.

Os estudantes estadunidenses visitaram diferentes espaços expositivos da cidade de Denton, Fort Worth e Dallas, todas próximas a UNT Universidade no norte Texas, EUA. Em um dos vídeos advindos dos estudantes estadunidenses eles apresentaram uma exposição de artistas mexicanos. A narradora explicava que via uma aproximação das temáticas abordadas pelos artistas mexicanos com as temáticas abordadas na Bienal do Mercosul. A busca por relações entre o que era recebido na plataforma e o que era enviado era uma constante.

Imagem1: Frames do vídeo produzido pela estudante brasileira a partir da obra “ A Lula Gigante” do



artista David Zink Yi (fonte: do autor)

Nos vídeos produzidos pelos estudantes de Porto Alegre havia uma preocupação em contextualizar as obras, e os artistas, no vídeo em destaque que ilustra esse texto a estudante insere imagens de sua infância que a obra a remeteu. Os licenciandos produziram textos didáticos para as gravações. A reverberação das publicações era vista nas mensagens publicadas nos fóruns com comentários sobre os vídeos. Um dos comentários dos estadunidenses era que aqueles vídeos poderiam ser utilizados como videoaulas, pois tinham um caráter bastante didático na sua produção.

Além dos aspectos didáticos, ao escolher uma obra da 9ª bienal do Mercosul para produzir um vídeo, os licenciandos buscaram uma obra que os remetesse a algo vivido, isso os ajudava a traçar

relações com a obra ajudando-os numa aproximação bem como também na construção do seu discurso sobre a obra.

Ao produzir imagens, autores-criadores, fotógrafos, cineastas, videomakers selecionam, fazem escolhas éticas e estéticas a partir de elementos presentes na cultura, ou seja compõem imagens que articuladas problematizam questões em favor de posicionamentos ideológicos, políticos, estéticos e sociais a partir de elementos do mundo. Esses autores-criadores emprestam seu ângulo de visão para o destinatário. Além do posicionamento particular, irrepetível do sujeito sobre as imagens captadas, está a própria concepção de mundo do sujeito que olha, registra e costura um discurso com os elementos do mundo físico, os sons, as narrativas re(a)presentando-as em um espaço digital.

Após o acolhimento dos vídeos, os licenciandos registravam comentários escritos nos fóruns movimentando o diálogo e contribuindo com o aprofundamento das questões levantadas nos vídeos. A arte lança sempre uma questão, uma charada, uma pergunta a ser respondida, nos termos de Bakhtin uma obra inacabada que alimenta a corrente dialógica. Os licenciandos da UNT enviam muitas questões a partir da publicação dos vídeos. Muitos preconceitos foram rompidos naquelas discussões. Após essa experiência, acreditamos que as ações de extensão podem ser uma possibilidade real de ir além do currículo. Flexibilização curricular e creditação curricular das ações de

extensão no histórico curricular do aluno contribuirá para o sucesso de ações como essas. Que experiências além do currículo o aluno e o professor podem levar para sua formação? A extensão é um espaço que promover uma relação próxima da realidade, aproxima o aluno do mundo. Partindo do princípio que a extensão universitária é indissociável do ensino e da pesquisa, é importante refletir sobre o lugar que a extensão tem tido no percurso acadêmico dos alunos de licenciatura, uma vez que a creditação dessas experiências educativas revelam uma Universidade que dialoga com “o outro” com o seu entorno e valoriza isso na vida acadêmica de seus alunos.

A extensão apresenta-se como uma inovação no processo educativo, dado o seu caráter privilegiado de dimensão interdisciplinar, da indissociabilidade com o ensino e pesquisa, de impacto social e da interação dialógica entre o conhecimento acadêmico e outros setores da sociedade.

CONSIDERAÇÕES

A extensão universitária é uma via de dois sentidos. A universidade também aprende com suas ações no mundo. Em nosso caso, vimos esta ampliação do saber universitário no aprendizado vivenciado pelos estudantes nos dois países em que ocorreu o projeto. A cultura do chamado primeiro mundo norte-americana é bastante difundida pelas mídias brasileiras, resultando em uma construção/elaboração sobre esta cultura no imaginário do sujeito brasileiro. No entanto, quando estudantes do mesmo curso (Licenciatura em Artes Visuais) têm a oportunidade de se aproximarem por meio de um projeto de extensão, percebemos que essa construção/elaboração é colocada em xeque. Conversar diretamente com estudantes estrangeiros, sem a mediação da TV, da publicidade ou do cinema, produziu novos sentidos entre eles. Os enunciados produzidos de forma autoral pelos estudantes da universidade do Texas foram traduzidos para a língua portuguesa, abrindo oportunidade do contato com um língua que não é hegemônica como o inglês.

Os áudios dos vídeos brasileiros, mantidos em português, foram mais uma forma de dar aos estudantes da universidade do Texas a oportunidade de ter contato com a língua portuguesa. Os estudantes, mesmo que virtualmente, perceberam diferenças culturais e aprenderam juntos. O interesse pela arte contemporânea local e pelo perfil dos licenciandos em arte do Brasil, os unia.

Nesse século XXI nossas vidas estão sendo narradas por meio de imagens, ao invés de enviarmos uma mensagem de texto, enviamos uma imagem do ato. Compartilhamos imagens que contam instantes das nossas vidas, discursos construídos com e por meio delas. O próprio termo “cultura visual” nos remete a interpretações visuais que se tem de uma cultura, as quais afetam tanto o processo de produção como o de recepção de imagens ou artefatos que carregam em si a história e um tempo de um determinado grupo cultural.

Acredita-se que uma educação que ultrapasse os limites do currículo com ações de extensão com múltiplas perspectivas fomenta o pensamento crítico, reconhece o direito do outro à diferença. Também propicia o exercício da ação democrática e uma reavaliação de nossas responsabilidades sociais. Considerando que cada discurso traz em si um potencial criativo, embasado na leitura de mundo proposta por Paulo Freire (1996) de seu interlocutor e na sua capacidade de estabelecer novas relações e diálogos, destaca-se a importância de contextualizar ideias a partir do contato com diferentes origens étnicas, meios socioculturais e artísticos.

Em uma época de grandes avanços tecnológicos e acesso à informação, interessa a essa pesquisa dar visibilidade à experiência em contraponto à informação. Ao propor um diálogo intercultural *online* entre estudantes brasileiros e norte-americanos, buscou-se transpassar o acesso à informação em busca de uma partilha de vivências em arte e educação a partir de experiências vividas.

As possibilidades de produzir, criar e aprender de forma colaborativa entre sujeitos situados em locais remotos é uma das grandes promessas das conexões possibilitadas pela internet. Estas possibilidades adentram o universo educacional e beneficiam a comunidade estudantil em geral, porém a ampliação das condições de aprender, de acessar e de intercambiar informações não garante trocas autorais ricas em conteúdo cultural. Essa vontade de autoria é produzida pelo “instinto estético” de acabamento dos sujeitos em interação. Para se tornar um autor nessa rede complexa de conexões, o sujeito primeiramente reagirá sob o social, ética e cognitivamente só então realizará um acabamento estético no mundo. É necessário criar incentivos dentro da esfera educacional que se relacione com o mundo e a vida do sujeito. Para além do currículo não é propor algo fora do currículo e sim buscar formas de torná-lo prático fora da universidade, dialogar com o mundo para consolidar conceito. O domínio da multiplicidade estética e a própria relação com ela, a complexificação do olhar e tudo mais, não partem de aprendizagens espontânea, fazem parte de um conjunto histórico-social e seu estar no mundo e agir sobre ele é imprescindível para que as experiências na extensão sejam “para além do currículo” e tornem significativas na formação do licenciado.

O currículo das licenciaturas em arte são carentes de diversidade cultural, sejam eles na universidade brasileira ou norte-americana. Vimos que na contemporaneidade há interesse em trocas culturais, estamos em um momento de revisitação histórica da arte. Por meio do contato da arte de diferentes continentes podemos conhecer a cultura de países que não apareciam nos livros conceituados de história da arte. A arte africana e indígena aparecem em adaptações curriculares recentemente nos currículos brasileiros a partir da Lei nº 11.645/2008. A arte latino americana por exemplo, aparece de forma tímida com um repertório restrito de obras e artistas dentro dos currículos.

Apresentamos uma proposta no objetivo de ampliar a extensão, promover um diálogo entre licenciaturas, desafiar os futuros professores a criar metodologias inovadoras, que incorporem o uso das TIC e o intercâmbio cultural *online*. Partimos do pressuposto de que a educação em arte é essencial na formação humana e contribui para o trânsito entre os diferentes modos de se compreender o mundo. Um obra de arte muitas vezes é a porta de acesso ao diálogo com o diferente. O ensino de arte é uma área estratégica para se ampliar a perspectiva de atuação na reconfiguração global e na ação para uma transformação social, onde as diferenças não sejam hierarquizadas.

Um projeto de extensão envolvendo duas licenciaturas em países diferentes pode contribuir com a curricularização da extensão a qual já consta como orientação oficial nas instituições federais brasileiras.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2004.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 3ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. *Lei Federal nº 11.645*, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e

ISSN 1983-1579
Doi: 10.22478/ufpb.1983-1579.2019v12n3.46181
<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> Acesso em: 17/08/2019.

_____. *Lei Federal nº13.005*, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE. Brasília, DF, 25. Jun. 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 17/08/2019.

COPPETE, M. C. Da multiculturalidade à Interculturalidade: percursos e processos. In: VALLEJO, Antonio Pantoja; ZWIREWICZ, Marlene. *Sociedade da Informação, educação digital e inclusão*. Florianópolis. Insular. p. 117-142. 2007.

COPPETE, M. da C.; ZWIREWICZ, M. *Os limiões da educação intercultural na formação e no trabalho docente*. 2007. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2007/tc/55200782917PM.pdf>> Acesso em: 19 Abr 2019.

DUBOIS, Philippe. *Cinema, Vídeo, Godard*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

PALLOF, R. M. e PRATT, K. *Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço*. Porto Alegre: Artmed. 2002

STAM, Robert. *Bakhtin: Da Teoria Literária à Cultura de Massa*. São Paulo: Editora Ática. 1992.

Recebido em: 30/05/2019
Aceito em: 20/08/2019